

## MALÁRIA NA GESTAÇÃO ENTRE OS ANOS 2016 E 2023 EM GUINÉ -BISSAU

**AUA SILA<sup>1</sup>, CRISTIANE DE SOUZA GONÇALVES<sup>2</sup>, MARINA BORGES LONGARAY<sup>3</sup>, SUELE MANJOURANY SILVA DURO<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS -  
silaaaua20@gmail.com

<sup>2</sup>Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS -  
crisdeSG@gmail.com

<sup>3</sup>Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS -  
mblongaray@gmail.com

<sup>4</sup>Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS -  
sumanjou@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A malária é uma das doenças infecciosas de maior impacto global, com mais de 247 milhões de casos e cerca de 619 mil mortes anuais (WHO, 2022). Apesar de evitável e tratável, ela permanece endêmica em mais de 85 países, principalmente nas regiões tropicais. Entre os grupos mais vulneráveis estão as gestantes, devido às alterações fisiológicas e imunológicas que ocorrem durante a gravidez (WHO, 2021).

A Guiné-Bissau é um país que fica situado na costa ocidental da África com 8 regiões e setor autônomo de Bissau, faz fronteira ao norte com Senegal, sul e ao leste com Guiné-Conacri, oeste e sul banhado no oceano Atlântico. E a sua população total é de 2.184.129 habitantes com superfície total de 36.125 km<sup>2</sup>. Em Guiné-Bissau, a malária permanece como uma das principais causas de morbidade e mortalidade, especialmente entre gestantes (MINSAP-GB, 2023).

A infecção por *Plasmodium falciparum*, predominante na África Subsaariana, tem consequências graves na gestação, como anemia, malária placentária, parto prematuro, aborto, baixo peso ao nascer e mortalidade neonatal (NGAI et al., 2020). Essas complicações afetam diretamente os indicadores de saúde materno-infantil, sobretudo em países de baixa e média renda (TAKEN; D'ALESSANDRO, 2013).

As condições ambientais e climáticas, como a estação chuvosa de maio a novembro, favorecem a proliferação do mosquito *Anopheles*. Além disso, práticas inadequadas de armazenamento de água e resíduos agravam a exposição ao vetor. Soma-se a isso a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, a escassez de profissionais e o baixo uso da Terapia Preventiva Intermitente (TPI), recomendada pela OMS (WHO, 2021).

Portanto, este estudo tem como objetivo avaliar a tendência temporal da malária em gestantes em Guiné-Bissau entre 2016 e 2023, destacando desigualdades regionais e barreiras no acesso às intervenções. A escolha do tema se justifica pela alta carga da doença entre grávidas e pelo impacto nos indicadores de saúde materno-infantil.

### 2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa, descritiva e retrospectiva, baseada na análise de dados secundários. A abordagem quantitativa foi escolhida por permitir a mensuração objetiva da prevalência da malária em gestantes, identificando padrões epidemiológicos e variações ao longo do período analisado (CRESWELL, 2021). Foram incluídos no estudo todos os casos de malária em gestantes registrados pelo Programa Nacional de Luta Contra o Paludismo (PNLP), do Ministério da Saúde Pública de Guiné-Bissau (MINSAP-GB), em cada um dos anos propostos, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023.

Foram analisados os registros de casos confirmados e registrados de malária em gestantes, segmentados por ano e região sanitária, bem como estimativas populacionais para cálculo das taxas de incidência entre 2016 e 2023, independentemente do tipo de *Plasmodium* identificado e da forma clínica da doença. A partir das análises realizadas, foram identificadas variações anuais na incidência da doença, disparidades regionais e o impacto de estratégias preventivas no controle da malária gestacional. Além disso, a regressão linear foi utilizada para avaliar a tendência populacional e epidemiológica ao longo dos anos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2016 e 2023, a Guiné-Bissau notificou 25.049 casos de malária em gestantes, dos quais 8% foram graves (MINSAP-GB, 2023). Em nível global, estima-se que a malária tenha causado 247 milhões de casos e 619 mil mortes em 2022, com maior impacto na África Subsaariana, onde até 40% das gestações foram expostas ao risco da doença (WHO, 2022). Enquanto alguns países africanos alcançaram redução de casos associados à ampliação do tratamento preventivo intermitente na gravidez (IPTp), em Guiné-Bissau a elevada proporção de formas graves sugere fragilidades no diagnóstico precoce e na cobertura de medidas preventivas.

Observa-se que a Região de Farim registrou o maior aumento proporcional de casos de malária em gestantes no período, com um crescimento superior a 150%, seguida por Gabu e Oio, que também apresentaram tendência ascendente na incidência da doença. Esse crescimento pode estar relacionado a fatores como dificuldades no acesso a serviços de saúde, desafios logísticos na distribuição de medidas preventivas, e variações climáticas que favorecem a reprodução do vetor Anopheles (MINSAP-GB, 2023).

Por outro lado, diversas regiões demonstraram uma redução expressiva na incidência da malária em gestantes, especialmente Bolama, Quinara e Biombo, que apresentaram quedas superiores a 50% no número de casos ao longo dos anos analisados. Essa redução pode ser atribuída à efetividade das estratégias de prevenção, como a distribuição de mosquiteiros impregnados com inseticida (LLINs), a ampliação da Terapia Preventiva Intermitente (TPI) e o fortalecimento da assistência pré-natal nessas regiões (MINSAP-GB, 2023).

De acordo com o Banco Mundial, a incidência de malária na Guiné-Bissau tem apresentado flutuações nos últimos anos. Em 2016, a incidência era de 132,6 casos por 1.000 habitantes, diminuindo para 105,1 casos por 1.000 habitantes em 2021. Esses dados indicam uma tendência de aumento na incidência geral de malária no país.

Estudos anteriores destacam que a malária durante a gravidez está associada a complicações significativas, como anemia hemolítica, mortalidade materna e baixo peso ao nascer. Esses impactos adversos persistem, indicando que as gestantes continuam sendo uma população vulnerável à malária. (NGAI et al., 2020).

#### 4. CONCLUSÕES

A implementação de sistemas de monitoramento geoespacial da transmissão da malária pode permitir a identificação precoce de áreas de alta incidência, possibilitando uma alocação mais eficiente de recursos preventivos. Além disso, o uso de testes rápidos para diagnóstico precoce da malária em gestantes tem sido amplamente recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), visto que possibilita uma intervenção imediata e reduz as chances de complicações associadas à doença.

A redução sustentada da malária em gestantes na Guiné-Bissau dependerá não apenas da continuidade das políticas de controle já existentes, mas também da adoção de novas abordagens baseadas em evidências científicas e na realidade epidemiológica de cada região do país. Isso inclui o fortalecimento das capacidades dos profissionais de saúde, a melhoria da infraestrutura de saúde e o aumento do financiamento para programas de controle da malária.

Em suma, embora a Guiné-Bissau enfrente desafios significativos no combate à malária em gestantes, há oportunidades para melhorar a prevenção e o controle da doença por meio de estratégias integradas e baseadas em evidências.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**CRESWELL, J. W. Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches.** 5th ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2021.

Disponível em:

[https://www.ucg.ac.me/skladiste/blog\\_609332/objava\\_105202/fajlovi/Creswell.pdf](https://www.ucg.ac.me/skladiste/blog_609332/objava_105202/fajlovi/Creswell.pdf).

Acesso em: 15/01/2025.

**MINISTÉRIO DA SAÚDE PÚBLICA DE GUINÉ-BISSAU (MINSAP-GB). Relatório Anual do Programa Nacional de Luta Contra o Paludismo.** Bissau: MINSAP-GB, 2023. Disponível em: <https://www.afro.who.int/sites/default/files/2024-05/Guin%C3%A9-Bissau-Relat%C3%B3rio%20do%20-%20HHFA-2023.pdf>. Acesso em: 10/01/2025.

NGAI, Michelle et al. Malaria in Pregnancy and Adverse Birth Outcomes: New Mechanisms and Therapeutic Opportunities. **Trends in Parasitology**, v. 36, n. 2, p. 127–137, fev. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31864896/>. Acesso em: 10/11/2024.

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). World Malaria Report 2022.** Geneva: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/teams/global-malaria-programme/reports/world-malaria-report-2022>. Acesso em: 11/11/2024.

**Malaria in pregnant women.** Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/03-06-2022-Updated-WHO-recommendations-for-malaria-chemoprevention-among-children-and-pregnant-women>. Acesso em: 01/12/2024.

TAKEM, Ebako Ndip; D'ALESSANDRO, Umberto. Malaria in pregnancy. **Mediterranean Journal of Hematology and Infectious Diseases**, v. 5, n. 1, p. e2013010, 2 jan. 2013. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3552837/>. Acesso em: 10/01/2025.